

Isabela Barboza



Boneca Virtual

A vida perfeita nas redes

ISABELA BARBOZA



BONECA VIRTUAL

A vida perfeita nas redes

2021

Boneca Virtual é um retrato de um cotidiano jovem moderno, cheio de escolhas e consequências. Nos mostrando diversas aventuras de uma publicitária divertida que em horas vagas é uma babá e também trabalha como detetive na resolução de como recuperar sua reputação.

Este livro é um incentivo à literatura independente. Leia mais autores nacionais e independentes.





PRINCÍPIOS:

Começar um conto com era uma vez? Não, não é um conto de fadas. Tudo começou? Na verdade, nem sei quando começou. Mas posso começar do começo.

Entre um tutorial e outro, fui fazendo a minha vida ficar perfeita nas redes. Instagram, Facebook, Twitter e Youtube ou milhões de e-mails. Tudo isso era somado às milhares de notificações. Mas eu precisava arrumar um emprego que me desse sustança, não sabia quanto tempo minha vida como Youtuber duraria.

Além disso, as pessoas falavam que ser Youtuber não era uma profissão. Eu ficava espantada com o tamanho de ignorância da maioria das pessoas que falavam isso, era muita falta de informação. A tecnologia e os empregos que a envolvesse, era o futuro, mesmo que distante.

No trânsito de São Paulo, lá estava eu. As pessoas se estressavam muito no trânsito, mas não viam o lado bom: Olhar as pessoas bonitas de parar o trânsito passarem.

Aquele trânsito estava me fazendo ficar cada vez mais atrasada, meu relógio não podia esperar. E viva o tempo em que eu sou eu e às vezes, nem tenho tempo para ser. Justo no meu dia de mais sorte eu já estava atrasada e um carinha bateu atrás em meu carro.

Quando desci do carro, percebi que ele era muito bonito, mas de um péssimo caráter. Na hora da raiva eu dei uma banana para ele. Ele falou uma frase bem machista e absurda: Mulher no volante é um perigo constante.

O cara bate no meu carro e ainda diz que eu sou a motorista péssima? Oi? Acho que ele era sínico ou pelo menos se fingia.

Eu não quis perder a cabeça, voltei e entrei em meu carro, aproveitei o sinal verde e fui embora. A empresa que deixei meu currículo tinha mais ou menos 100 andares. Foi aí que pensei que era um ótimo exercício subir às escadas.

Minha lábia era muito boa e como eu era publicitária, as coisas se tornavam excelentes. Quando comprava uma coisa, sempre pechinchava e ganhava um desconto.

Meus fãs, por eu ser muito querida por eles, me chamavam de ‘boneca virtual’, por andar sempre perfeita e fabulosa na rede mundial de computadores. Tinha um programa no Youtube chamado “papo virtual”, era verdadeiramente uma futilidade, mas as pessoas gostavam daquilo. É legal ser fútil em um determinado tempo do dia.

E então, o que as pessoas gostam você deve manter e o que o povo não gosta descarte imediatamente. Foi uma das lições que aprendi no

curso de publicidade e propaganda. Tinha um sonho de poder trocar uma ideia com os criadores de várias redes sociais. Seria enriquecedor isso.

Eu tinha certa vaidade e ambição em fazer tudo melhor e ser a melhor. Além do mais, a minha vida só era perfeita nas redes, fora dela, eu era completamente uma mulher dos seus vinte e poucos anos. Quando tinha quatorze, adorava ver o filme *Crossroad* com a Britney Spears. E tinha nesse filme uma música chamada “*I’m Not a Girl*” que falava a seguinte frase: *Eu não sou uma garota e ainda não sou uma mulher. Tudo o que preciso é tempo. Um momento que seja só meu, enquanto estou nessa transição...*”, eu pensava em um dia saber como seria essa transição e até agora ainda penso. Ainda é 2015, eu só tenho vinte e dois anos e não sei bem o que fazer.

Creio que sou uma pessoa comum, mas a partir do dia que meu pai traiu a minha mãe, eu acabei tomando as dores dela e sentia que meu pai era um lixo e toda a nossa família também. Só as redes sociais me traziam certo conforto que uma moça da minha idade muitas vezes queria ter ou pelo menos um carinho no ego para me esquecer de certas coisas duras da vida.

Mas isso se tornou fora do comum quando eu a cada curtida, a cada comentário e elogio, meu ego falou mais alto e isso foi me possuindo.

Quando vi, já era um pouco tarde demais. Tornei o que eu mais temia: Hipócrita, egoísta, famosa e infeliz. Exatamente o contrário de uma atriz Hollywoodiana em que as pessoas me comparavam, a Audrey Hepburn, eu peguei muitas coisas do estilo dela. Como trabalhava com moda, tudo ficou mais legal quando passei a seguir o estilo dela e compartilhar isso nas redes. Muita gente falava que nós éramos sócias, mas eu era muito diferente do ícone Audrey, jamais merecia ser comparada a ela. Ela é um anjo, eu sou uma ovelha psicodélica e nunca me endireitei. E quer saber? Nem dá para se endireitar mesmo.



Recebi uma ligação da empresa de publicidade e meu currículo foi escolhido para uma entrevista. Era mais um ponto para a construção da minha vida real. E a entrevista havia sido marcada para o dia seguinte.

Seguindo os passos dos meus compromissos, eu fui até pontual. Havia acordado mais cedo e cheguei lá bem mais cedo do que o horário permitia. Estava com medo de perder o emprego por bobeira e ainda nem havia sido contratada. Para a minha surpresa fui a primeira a ser chamada, devia ser por ordem alfabética, pois me chamo Ágatha. Estava confiante que aquele emprego seria meu, pois meu currículo era maravilhoso.

Chegando à sala do meu suposto chefe, o carinho que bateu na traseira do meu carro era ele. Ele apertou a minha mão e começou a analisar meu currículo. Passaram uns dez minutos para fazer a primeira pergunta.

-Ágatha de Oliveira Almeida, nascida em vinte e dois de agosto de mil novecentos e noventa e três, estudou na Universidade Federal e no Instituto Maria Gomes Gurgel. Vi que você colocou muitas qualidades em suas eficiências e experiências, mas quais são seus defeitos? –Ele perguntou.

Eu respondi que era difícil falar sobre defeitos, pois acreditava ser uma pessoa muito perfeccionista no que fazia e fazia meu trabalho da melhor maneira possível.

Ele olhou em minha cara e falou: Jovens como você costumam ter muito contato com a internet, no seu currículo não há informações de contato e também não há suas redes sociais. Como pretendia que te localizássemos?

Eu respondi: Sou muito famosa na internet e que talvez por você ser um publicitário saiba disso. E como a empresa dele me localizou se eu não havia colocado nenhuma informação de contato?

-Apenas meus funcionários te pesquisaram. –Ele respondeu.

Eu mal havia sido entrevistada e já estava jogando uma verde para colher madura. Eu era uma gênio e um dia Hollywood iria reconhecer isso me dando um Oscar.

Ele pediu para eu ir embora e aguardar alguma confirmação da empresa, pois eles estavam fazendo uma seleção com os entrevistados antes de chamar definitivamente.

E eu falei um ‘tudo certo’ e me mandei.

Imagino que eles não me contratariam e eu seria obviamente um peso para a empresa. Diante de duas perguntas já havia sido mandada embora. Fiz um cocô muito grande em responder aquelas coisas, parecia que eu era a última bolacha de um recipiente. E quem era eu na fila do pão realmente?



NA VOLTA PARA CASA:

Além de achar que meu quase chefe banana pegou no meu pé e já ter sido mandada embora, considerando já ser demitida, já havia perdido mil seguidores em cada rede social. Não sei qual foi o feitiço daquele dia, mas realmente nada estava bom, mas se piorasse estragaria. Eu pedi ao Cara lá de Cima quebrar toda a feitiçaria, maldição, olho invejoso e etc... Não era fácil ser demais e ser tão odiada por alguns...

Apenas fui para o meu quarto, meu pai me ligou me perguntando sobre o ocorrido. Ele pediu para olhar na internet o que estavam falando de mim e eu fui pesquisar meu nome no Google. “Ágatha Oliver Doll” foi o que eu digitei e olha só o que eu acabara de ver. Um escândalo em minha reputação.

“Ágatha Oliver, a Boneca Virtual, foi vista fazendo gestos obscenos para um dos maiores publicitários de todos os tempos. Parece que essa boneca está com a fama subindo a cabeça e os dias de fama estão contados.”

Essa era a pauta de um site em sensacionalista, os comentários eram bem horrorosos e eu preferia não colocá-los aqui.

Pensei: E agora?

Meu pai perguntou se eu ainda estava na linha e eu falei que sim, mas queria estar morta. Ele perguntou se eu havia feito algum gesto obsceno e eu falei que havia feito só uma banana porque o desgraçado

havia batido na traseira do meu carro. Meu pai ficou indignado e disse que as notícias só mostravam apenas o que queriam.

Eu estava quase explodindo, mas se fizesse isso de nada adiantaria.

Ai, ai... Vida de boneca não é fácil!



O MONSTRO QUE MOSTRA O TROCO:

Depois de dormir tudo aquilo ainda estava fermentando em minha cabeça.

Pela manhã, eu recebi flores com um cartão. Eu odiava flores ou qualquer tipo de coisas assim... Não sei quem havia mandado, mas era uma pessoa que não me conhecia realmente ou me conhecia tanto... Talvez estivessem prestando solidariedade. Olhando para o cartão vi que estava escrito “Para a gata” e isso era um trocadilho bem puxado.

Querida gatinha,

Antes de mexer com algo veja em qual status estará. Pedras no meu caminho eu posso retirar.

Mas quem era O.T. A? E ainda por cima adora frases feitas ou a música do Roberto Carlos. Aquilo era obra daquele entrevistador de uma figa! Eu tinha que fazer alguma coisa. Ele tinha que me pagar. Vou juntar tudo, tintim por tintim e contratar um detetive ou algo assim, eu tenho que trazer minha reputação de volta. Antes que seja tarde demais. Eu quero apenas paz e se tivesse uma bandeira branca nesse momento, pediria a paz mundial, como todas as Misses, pelo menos aquele filme com a Sandra Bullock ensina assim.



A BOMBA:

Todas as redes sociais me baniram. Todas. Isso mesmo: Todas. Eu simplesmente só pensei: O quê?

Acho que meu título de boneca fofa, meiga e legal havia acabado por ali. Naquele instante. Já estava sendo a monstra virtual e a lei do cancelamento começou bem ali. Tudo que havia construído se acabava ali, aqui e agora. Eu pensei como seria a minha vida dali para frente e pensei: Pior não fica!

Mas fui ingênua em acreditar nisso. Pobre gatinha... O que eu iria fazer agora? Tentei entrar em contato com as redes sociais, tentei um advogado, mas nada adiantou.

Era a hora de tentar seguir outro roteiro para o meu filme não ficar queimado.



O SEGUIMENTO:

Depois daquele escândalo não consegui mais ficar em emprego nenhum. Minhas redes sociais foram destruídas e eu não consegui mais ser nada. O único jeito que encontrei foi ser babá ou diarista. Acho que babá seria mais fácil, pois não tinha muita intimidade com a limpeza. Como babá eu teria mais facilidade e sabia lidar melhor com crianças... Vai nessa!



O DESCOBRIR DO

O.T.A.:

Em um momento reflexivo, passei a colocar a minha cabeça para funcionar. Meus miolos tinham que servir para algo. Eu queria saber o que significava a sigla O.T.A. Comecei a juntar peças daquele quebra-cabeça e no fim fui desvendando o mistério. A letra O se referia a organizações, o T era algo como se fosse Tecnológico e o A era o sobrenome que tinha alta referência na área: Almeida.

E pelo que eu sabia aquela era uma empresa bem conceituada no ramo. A família Almeida era composta por vários empresários da alta sociedade, mas eles não tinham nenhuma ligação com o chefe entrevistador e publicitário de uma figa. Mas o que eu fiz para a empresa O.T.A.?

Será que isso era um desvio de pistas e de foco? Nada melhor do que contratar uma boa detetive. Ao pesquisar na internet, vi que havia a Dra. Moralez. Ela era expert em casos assim. Liguei para o consultório, mas ninguém atendeu e a secretaria eletrônica pediu para que eu fosse ao seu consultório e marcasse um horário pessoalmente. Eu pensei: Nossa... Quanto mistério! Não era à toa que ela era top em serviços de detetive. Assim fiz. Mas a detetive não estava e eu acabei preferindo desmentir o mistério sozinha.



A MAIS NOVA BABÁ:

Eu havia marcado uma entrevista como babá na casa da família Almeida. Acabei descobrindo que eles necessitavam de uma babá. Mas para meu plano ocorrer tudo bem e ficar tranquilo, tive que ir disfarçada. Precisava preservar minha imagem e minha pele também.

Pus uns óculos escuros, um trench coat rosa e por dentro usava um vestido tubinho e rosa também, os sapatos eram um Scarpin preto, para dar um contraste. Fiz um rabo de cavalo, pois achava mais digno sair assim já que meu cabelo não estava lá essas coisas. Só dei uma consertada na franja e partiu desvendar mistérios.

Se aquilo era estar na pior, o pior do pior eu não queria nem saber como era. Chamei um táxi para me deixar no destino, pois não iria com meu carro, ia dar muita bandeira e precisava ser misteriosa. Quase uma agente do FBI. O táxi parou numa mansão bem grande e luxuosa. E ainda por cima era uma potência perto de todas as casas da vizinhança.

Para ser atendida apertava-se uma campainha perto do portão e se fosse permitida a sua entrada, o portão se abria automaticamente.

Ao entrar na mansão uma empregada me recebeu e pediu para eu entrar pela porta dos fundos. Ela falou que eu lembrava a Penélope Charmosa por estar tão rosa e eu disse que preferia Legalmente Loira, apesar de não ser loira, com um estilo Audrey Hepburn.

Ela falou um “ok” sem entender nada e com uma cara de “essa garota não gira bem” e me levou para dentro de casa. Quando entrei ela pediu para eu me dirigir à sala e sentar no sofá, eu pedi para ela me informar o nome dela e ela falou que se chamava Sara e eu disse que me chamava Ágatha.

Ela falou: Seu nome combina muito bem já que és uma gata!

E eu falei que odiava esse trocadilho, mas aceitaria numa boa já que ela não sabia que eu odiava, assim agradecendo. Ela fez novamente uma cara por me achar esquisita e eu me dirigi à sala de estar.

Era tudo muito amplo e altamente luxuoso. Quando me sentei escutei passos na escada. Vinha um homem de cabelo grisalho de aparentemente quarenta anos e também, uma mulher com um vestido altamente colado com a mesma idade e cabelo curto e preto. Eles se chamavam Max e Oléria. Quando eles me viram falaram: Você que é a nova babá?

E eu falei: Sim.

Eles me perguntaram: Como você chegou aqui?

Aquela foi uma pergunta idiota, mas respondi.

E falei: Não foi de guarda-chuva como a Mary Poppins e nem batendo uma bengala como a Nanny Mcphee ou talvez cantando as

notas musicais como a Maria, a Noviça Rebelde. Foi de táxi mesmo, bem estilo Angélica. Se bem que o Uber estava bem mais em conta.

Eles riram com a minha resposta e falaram: Altamente adorável. Será maravilhoso que nossos filhos possam te conhecer.

Eu cocei a cabeça porque estava com uma caspa infernal e não com dúvidas, quer dizer, também tinha as minhas dúvidas, mas nem tanto quanto caspas, isso se deu porque usei creme de pentear em excesso quando era criança. Na unha veio uma seborreia, retirei com a outra unha sem que eles percebessem. Precisava manter a classe, até quando isso fosse difícil.

Eu não era perfeita, mas tinha as minhas exceções que confirmavam a regra. Eles começaram a perguntar de onde eu vim, se eu tinha alguma experiência com crianças ou se havia estudado em uma escola renomada. Eu falei que tinha um currículo com experiências da educação francesa como a Super Nanny e frequentei escolas maravilhosas em Londres. Só se for bem Longe de Londres.

Eu menti mesmo para conseguir meu emprego. Fiz um intensivo estudando o livro “Crianças francesas não fazem manha” e também vi um pouco de Piaget, Vigotsky e Wallon. Ia servir. Com certeza, a pedagogia era essencial para cuidar daqueles seres adoráveis e, ainda li e vi muitas coisas sobre a Maria Montessori. Ela era minha ídola desde

sempre. Ela revolucionou a pedagogia ao dar liberdade às crianças em serem independentes, todas as coisas da sala de aula era no tamanho deles, para que eles pudessem ter autonomia em pegar e guardar brinquedos, livros ou quaisquer coisas.

Eles ficaram encantados com meu currículo falso, eu estava odiando mentir, mas eu precisava mentir para ganhar aquele emprego. E no fim, acabei ganhando. Sou uma gênio e se eu disser que me formei em Publicidade sem ler um livro na faculdade, eu não estarei mentindo.

Eles chamaram as crianças para me conhecer. Eram duas crianças. Um menino e uma menina. Eles se chamavam Julia e Caio. Julia falou que eu estava parecendo uma boneca. Eu agradei e ela falou que tinha uma Barbie de verdade.

Após as crianças se mandarem, eles pediram para eu voltar amanhã e que eu podia dormir em casa. Eu agradei e parti, sem nenhum objeto mágico das babás dos filmes, mas tudo bem. Essa era a vida real.



A PUBLICIDADE NEM LIGOU:

Como eu já tinha previsto, meu emprego como publicitária foi para o brejo. E agora, como eu estava de detetive, o negócio ia sair bem feito porque era a minha pessoa que estava fazendo. Ia ganhar para a doutora Moralez. Ela ia só ver. Ignorou-me cem por cento e encontrou alguém à altura.

Passaram-se semanas na casa dos pestinhas. Digo isso porque aqueles dois mordiam as babás feito cachorros. Comecei a falar para eles que eu podia transmitir raiva e eles ficariam com a boca espumando, automaticamente pararam com o morder.

Outra coisa que também parou foi deles ficarem se pendurando nas coisas. Eu falei que eles podiam voar comendo pipoca e tomando guaraná. O que aconteceu foi que levaram uma queda bem feia e eu acabei dizendo que não havia reparado naquilo. Os pais nem desconfiaram, pois estavam encantados com a minha didática. Mal sabiam eles que era uma coisa bem *punk*.

Também ensinei coisas boas como: Botar eles para dividirem as tarefas domésticas com a empregada, parar de fazer sujeira e colocar o lixo no lixo, pois o monstro do lixo pegava crianças que não jogavam o lixo no lugar certo e acabavam ficando presas num terreno baldio sendo comidas por urubus. E também ensinei coisas interessantes como ditados populares e como isso influenciava a publicidade. Além de

colocar eles para fazer suas tarefas da escola com um relógio de areia do lado. Eles tinham que terminar antes da areia do relógio cair totalmente para poder ganhar um doce. Bem behaviorista. Meu intensivo de psicologia foi um máximo. Eu era um doce de pessoa & babá.

E assim, através de recompensas e chantagens que eu fui ganhando a confiança deles. Eu era uma babá fascinante e todas as babás da ficção perderiam para minha fabulosidade. Além do mais, cuidar de criança era simples, era só saber negociar, tipo quando o cliente não gosta de uma ideia e você já tem que ter uma pronta para que tudo fique meio caminho andando. É isto.



REVELAÇÕES:

Num belo dia de trabalho... Aff! Como isso era frufriu. Bom, dando uma olhada pela casa na minha folga das crianças, eu vi que havia um álbum de fotos. E como eu era curiosa, fui ver.

Tinha a família Almeida desde sua primeira geração lá pelo século 19. E folheando as páginas fui vendo que por ironia de todos os seres poderosos divinos, o publicitário entrevistador chefe de uma figa que eu não sei o nome, era primo de sexto grau e pertencia à família Almeida. Como pude ser tão tola e não ter ligado os pontos.

Ele já sabia do quanto eu era importante na internet, fez toda a jogada suja dele para me pegar e eu fiquei mergulhada numa poça de cocô. Ele era tão egoísta... Contratou um paparazzi e fez aquela brincadeira de propósito. Eu odiava aquele cara. Ele merecia uma lata de fezes de quando a gente está com prisão de ventre e de repente, dá aquela dor de barriga. Era aliviador, mas também um cheiro bem desagradável.

Eu tinha que desmascarar aquele safado, mas precisava de provas e para essas provas, eu já sabia com quem contar. Faltava saber quem era o paparazzi responsável e eu pegaria aquele vigarista bem de surpresinha. Toma essa distraído papudo!



PEDRO:

Depois de descobrir tudo e dar um jeito de ‘sair’ do meu emprego como babá, eu fui até à casa do Pedro. Desta vez, já estava sem uniforme secreto e me vesti normalmente. Pedro trabalhava com fotografia e trabalhava para vários sites. Nós éramos amigos de infância. Chegando a casa dele eu gritei: Ô Pedro!

-Já vou... Bonequinha de Luxo!

-Não é boneca de luxo e sim, virtual. –Falei.

-Agora tanto faz... Você não é mais nada mesmo. –Falou ele.

Comecei a dar umas tapas nele e ele começou a me chamar de selvagem e pedir para eu parar, pois estava doendo.

-Mas se você não gosta de dor, por que adora sofrer por amor? – Perguntei.

Ele falou: Eu não. E odeio dor, nem de cotovelo, ninguém gosta gatinha, mas se for dor de amor que ela seja por você. Então, fala logo, o que você quer?

-Tem alguma menina aí dentro da sua casa para você estar me tratando assim? –Perguntei.

-Por quê? Está com ciúmes? –Ele respondeu.

Eu dei umas tapinhas nele e disse para ele me ouvir.

Ele pediu para eu desembuchar o que eu queria com ele. Eu pedi para entrar porque era um assunto delicado. Ele começou a perguntar se eu estava grávida e eu falei que não e ele disse que se as pessoas nos vissem entrando sozinhos, ia ter muito assunto para conversarem. E eu falei que não ligava. Ele se aproximou de mim e cara a cara perguntou: É mesmo?

E eu o empurrei e pedi para ele parar. E ele entrou comigo, eu expliquei tudo e mostrei o site que fazia fotos para a empresa.

O Pedro era legal, mas tinha uma mente bem perigosa quando se tratava de coisas de duplo sentido. Ele não era maluco em pensar que a gente um dia pudesse ter alguma coisa. Eu era amiga dele desde pequena, seria muito estranho se isso acontecesse e eu espero que nunca.

A gente foi no mesmo dia até ao local dos *paparazzi*. E levou uma bebida que ele comprou chamada “fala a verdade”, caso se as pessoas não quisessem revelar nada. Nós não bebíamos nada, apenas enganamos alguns trouxas.

Eu fui disfarçada com uma peruca loira e lentes azuis, o cara que fez as fotos não me reconheceu. O Pedro o conhecia e conhecia a empresa também. A gente fingia beber, o cara entrou na onda e bebia aquela bebida forte como se fosse um suco. No final, ele confessou tudo, nós

gravamos e ainda pegamos as fotos. E deixamos o Arnaldo, o fotógrafo, dormindo com um ursinho de pelúcia bem bonitinho, ele ficou bem fofo. E já tínhamos uma prova.

Faltavam mais algumas peças no quebra-cabeça. O Pedro me deu a cópia do vídeo e as fotos. E depois me pediu uma recompensa, eu disse que não ia recompensá-lo em nada, pois ele era meu amigo e tinha que fazer as coisas obrigatoriamente gratuitas para mim.

Precisava descobrir algum podre daquele charlatão. Ele tinha que ter, não era possível, todo mundo já fez alguma coisa bem *punk* na vida. Eu por exemplo, já faltei durante uma semana na faculdade porque queria assistir aos jogos da copa. Minha mãe nunca soube disso, mas eu não estava muito afim que ele soubesse mesmo...

Fui pesquisar sobre uma instituição e descobri que ele apoiava a tal, quando fui até o local, era tudo de fachada e não existia nada de instituição, tudo era para desviar dinheiro. Quando era marcada alguma coisa, eles fingiam que havia algo ali. Contratavam pessoas para fingirem ser beneficiadas, mas tudo era mentira.

Uma senhora falou tudo depois que a ofereci dinheiro, ela não queria abrir o bico, então, tive que partir para o jogo. Tirei fotos e filmei o local sem que percebessem. A instituição se localizava num

interior. Eu já tinha uma testemunha que era a senhora e, estava bem feliz por ser a ‘ótima detetive de Londres’.

O bom samaritano seria desmascarado na frente de todos. E na festa da empresa, eu já tinha presença VIP marcada.

Como eu era babá das crianças, consegui ir à festa. Eu realmente era uma pessoa que merecia ganhar o mundo com a minha esperteza.



**O DIA EM QUE SER
BABÁ FOI
PROVEITOSO:**

Naquele dia eu percebi o quanto era legal ser babá de gente rica, até ganhei um dinheiro extra por simplesmente não fazer nada, só fiquei observando as crianças. Pedro foi à minha casa me pedir uma grana para conseguir se infiltrar na sala de projeção da festa e desmascarar o bom samaritano. Eu concordei e entreguei o dinheiro extra que recebi dos meus patrões e pedi para ele usar e abusar. Ele disse que queria também ser babá um dia e eu disse: Por que não vamos testar isso agora?

Ele ficou surpreso com meu convite. A gente também levou as crianças para tomar um sorvete. O Pedro adorava brincar com crianças, a Julia me perguntou se ele era meu namorado e eu neguei. Ela falou que eu devia namorá-lo, pois ele era uma versão real do Ken brasileiro sem ter cabelo loiro. Eu falei que não tinha chance. Ele supostamente ouviu nossa conversa e falou: Essa menina tem mais bom gosto que você. Quando ela crescer vai ter bons partidos, mas antes estude bastante, garotinha.

Eu estirei a língua para ele e ele também estirou para mim e começou a jogar sorvete com a colher em mim. Eu simplesmente retribuí colocando sorvete na testa dele e a Julia falou: Ele é um unicórnio!

Simplesmente porque a casquinha do sorvete grudou na testa dele. Ele se vingou ao jogar sorvete na minha cabeça e meu cabelo ficou encharcado. As crianças ficaram do seu lado e tudo ficou uma bagunça, a moça da sorveteria que o diga. A gente parou de fazer aquilo quando ela disse: Bom crianças... Acho que a brincadeira vai se encerrar por aqui.

E a gente saiu de lá imensamente cheio de sorvete, mas bem felizes.



NO DIA SEGUINTE...

O dia do *gran finale* estava indo nos conformes. Eu arrumei as crianças e fui com elas para a festa. Pedro me ligou falando que já estava lá. E eu falei que estava a caminho e o encontraria lá.

Quando chegamos, as crianças foram para onde seus pais estavam e eu fui para a sala de projeção. Com um breve sinal, nós colocaríamos em ação o filme mais irado do ano. Quando eu dei um bipe para o celular do Pedro, o filminho começou a rodar.

O meu chefe, pai das crianças, quando terminou o filme, socou a cara do espertalhão falando que ele era idiota.

E o resto vocês já sabem: Ele tentou se explicar, a polícia chegou, o prendeu e em menos de dez minutos minha reputação na internet estava de volta. Alguns falavam que eu havia salvado a empresa, outros falavam que minha reputação nunca foi perdida, apenas fui vítima de um golpe e em poucos dias tudo voltou ao normal. Menos minhas redes sociais, mas quer saber, eu faço outras e vou reconstruir do zero a minha vida.

Com o dinheiro da recompensa, montei minha própria empresa e chamei o Pedro para trabalhar comigo. Tempos depois, fomos para uma reunião na França, o Pedro conheceu uma francesa por lá e de uma hora para a outra passou a falar francês.

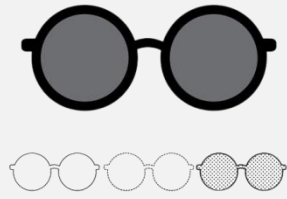
Eu havia aprendido a lição de não querer ser perfeita e nem todas as pessoas são confiáveis.

Meu primeiro grande passo foi virar boneca. O nome da boneca era *Ágatha, a boneca virtual* que adorava as redes sociais e imaginar um mundo diferente. Com outra parte do dinheiro, eu reformulei escolas de comunidades pobres e que estavam caindo aos pedaços e, com a outra parte, doei para algumas ONG's que cuidavam de animais abandonados. A Audrey com certeza estaria orgulhosa de mim.

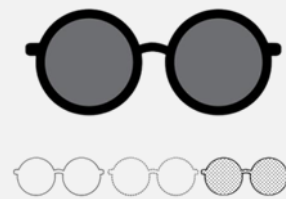
Meu Ex-quase-chefe passou a me odiar cada vez mais. A credibilidade que ele não tinha, eu estava importando ela cada vez mais para o meu dicionário. O romance do Pedro com a francesa ficou na França, enquanto isso, no Brasil, ele ainda ficou próximo a mim. E ele escreveu um poema chamado boneca virtual.

Boneca virtual
Menina da rede social
Manifesta tudo o que sente
É inocente
Ao ser real
Mas ela quer ser virtual para sempre.

E com isso declaro que eu espero que isso sirva de lição para alguma coisa e se não servir não tem problema, até porque eu não sou nenhuma fábula para ter moral. :P



FIM





SOBRE A AUTORA:

Isabela Barboza é uma escritora independente que escreve e publica para plataformas digitais há doze anos. Tem dois romances lançados na Amazon, em formato digital e quatro romances para a plataforma Wattpad. Suas obras mostram um universo paralelo e aleatório que a preenche, libertando todos os seus sonhos e metáforas ao mundo.

Mais informações em: isabelabarboza4.webnode.com

Boneca virtual

Menina da rede social

Manifesta tudo o que

sente

É inocente

Ao ser real

Mas ela quer ser virtual
para sempre.

